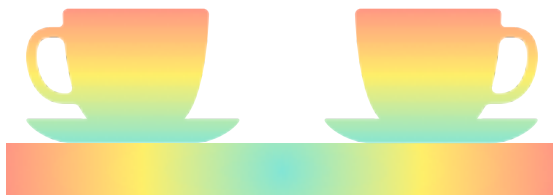


Um Café com Fé à Mistura

como evangelizar de forma natural

Rebecca Monley Pippert



GBU



Originalmente publicado em inglês sob o título:

“Pizza Parlor Evangelism”,

by InterVarsity Press

1976, 1978 by InterVarsity Christian Fellowship, USA

1ª edição em língua portuguesa sob o título:

“Bica com um novo paladar”

by NÚCLEO em colaboração com GBU

1987, by NÚCLEO - Centro de Publicações Cristãs, Lda.

Grupo Bíblico Universitário

2ª edição

2025

2025 by Grupo Bíblico Universitário

GBU

Um Café com Fé à Mistura

Rebecca Manley Pippert

Cristãos e não cristãos têm algo em comum: Uns e outros sentem-se mal quando se trata de evangelização.

O temor de muitos cristãos parece ser este: “quantas pessoas ofendi esta semana?” Pensam que têm de ofender para serem bons evangelistas. Começa a formar-se uma tensão: “Devo ser sensível às pessoas e esquecer a evangelização, ou devo bombardeá-las com o evangelho e esquecer a sua dignidade como seres humanos?”. Muitos cristãos escolhem ter em consideração a pessoa, mas depois ficam na defensiva e sentem-se culpados por não evangelizar. Há algo errado neste conceito de evangelização.

Sempre que falo sobre o tópico de evangelização, apercebo-me de que as pessoas estão de respiração suspensa à espera duma abordagem nova, comprovada e condensada; duma fórmula mágica que sempre funciona ou, então, devolve-se o dinheiro. Mas mesmo que eu tivesse uma fórmula dessas para vender, não daria resultado. O nosso problema em evangelização não é não termos informação suficiente – *é não sabermos ser nós próprios*. Ainda não compreendemos que realmente é bom sermos quem somos, quando estamos com não-cristãos, mesmo que não tenhamos todas as respostas às suas perguntas ou que o nosso conhecimento das Escrituras seja limitado. Esquecemo-nos de que

somos chamados a ser testemunhas do que vimos e sabemos e não do que não sabemos. O segredo é a obediência, não um doutoramento em teologia.

Mas há aqui um problema mais profundo. O nosso pouco à-vontade com não-cristãos reflete o nosso pouco à-vontade com a nossa própria humanidade. Porque não estamos muito certos do que significa ser humano (ou espiritual, para o caso tanto faz), temos dificuldades em nos relacionar de uma forma natural, humana, com o mundo. Por exemplo, muitos de nós evitamos evangelização por recearmos ofender alguém. Contudo, quantas vezes dissemos a um não-cristão que é por isso mesmo que hesitamos?

Tenho todo o direito de dizer: “olha sinto-me realmente entusiasmada em conversar contigo acerca de quem é Deus. Mas também sei que detesto que as pessoas me despejem “religião” em cima; por isso, se eu estiver a ser muito aborrecida, diz-me! Está bom?” Ao dizer isto, eu estou a comunicar que temos várias coisas em comum: eu não quero descarregar o evangelho e ele ou ela não quer receber a descarga. Assim, com este elo humano comum, estou partilhar a minha fé.

Autodescoberta



Deus tem-me dado uma liberdade crescente para falar d’Ele a outros. Mas nem sempre foi assim.

Quando ainda era estudante, lembro-me de um dia me ter posto a pensar no meu ministério evangelístico. Ocorreu-me que, embora eu

tivesse muitos amigos não-cristãos, e alguns se tivessem tornado cristãos por influência minha, ainda nenhum se tinha tornado cristão na minha presença. Enquanto ponderava na razão de ainda me sentir pouco à vontade em relação à evangelização, descobri várias coisas a meu respeito.

Para começar, eu tinha tanto medo de ser identificada como uma religiosa extravagante ou uma “freak” ou fanática de Jesus, que muitas vezes ficava calada, quando o tópico de Deus surgia. A maneira como as pessoas me viam tinha mais importância que a forma como Deus me via. Ironicamente, a maior parte das pessoas respeita e reage melhor a uma pessoa que tem ideias definidas e as comunica com clareza do que alguém que parece estar a pedir desculpa e que é insípida.

Em segundo lugar, embora visse as necessidades e o vazio nas vidas dos meus amigos não cristãos, não conseguia imaginar que era de Jesus Cristo que eles andavam realmente à procura. Jesus era para as “pessoas religiosas”, não para aos meus amigos pagãos. Assim, porque de facto eu nunca esperei que eles reagissem favoravelmente ao evangelho, eles nunca reagiram.

Em terceiro lugar, temia que Jesus fosse apenas a minha fuga das realidades. Não seria arrogância dar a entender que a *minha* perspectiva era a única? Mas à medida que fui compreendendo a natureza do cristianismo, vi que a nossa fé está assente em dados históricos, não apenas na experiência subjetiva. A questão era a Verdade, não um sentimento no meu coração. Deus não me estava a pedir para me

fundamentar nas minhas ideias ou emoções, mas antes na Pessoa e obra de Jesus Cristo. Se havia alguém culpado de ser ofensivo, era Jesus – não eu. A ideia de que Ele era o único caminho para Deus era Sua, não minha. O facto de compreender isto libertou-me de me acobardar quando acusada de ser tacanha. Podia responder: “Não é surpreendente que Jesus tenha de facto dito tantas coisas tacanhas? Não seria interessante estudá-lo para descobrir porque é que Ele fez afirmações tão egoístas?”

Em quarto lugar, ficava paralisada pelo terror de ofender as pessoas e deitar a perder para sempre a sua oportunidade de entrar no reino. Por isso pensava: “Vou-me limitar a ser simpática, a sorrir e a esperar que entendam.” É esquisito, mas tenho notado que o problema raramente é ofender as pessoas. Se formos suficientemente sensíveis para compreender que isto pode ser um perigo, então em geral não é este o nosso problema.

Também não conseguia falar de Deus de uma forma natural. Eu estava bem até surgir o tópico da “religião”.

De repente sentia que precisava de parecer “espiritual” e em vez de ouvir, entrava em pânico porque não me conseguia lembrar de nenhuns versículos da Bíblia. Ficava com as mãos suadas, a olhar assustada de um lado para o outro, na esperança de que ninguém mais estivesse a ouvir; o meu tom de voz mudava e eu começava a falar “religiosamente”. E depois admirava-me que as pessoas parecessem tão constrangidas quando falávamos de coisas espirituais! O meu problema era que eu não

achava que Deus pudesse ser uma parte natural e integrante da nossa conversa do momento sobre filmes, aulas, exames e namorados. Não tinha uma perspectiva cristã e integrada do mundo; Deus estava compartimentado e separado da vida “normal”.

Em último lugar, nunca ninguém se tornou cristão por meu intermédio, porque eu nunca lhes dei oportunidade! Porquê? Porque eu ficava petrificada só com o pensamento de que, se levasse alguém ao ponto de se tornar cristão, Deus não intervisse. Isso colocar-me-ia numa situação embaraçosa, por isso evitava correr o risco.

Dissimulação sem êxito



Foi então que uma amiga minha ateia me surpreendeu por completo, ao se tornar cristã. Comecei a fazer algumas descobertas surpreendentes, com base no que ela partilhou comigo em relação à forma como se sentia antes de aceitar Cristo. Ela disse: “A princípio pensei: ‘Bem, deixa lá a Becky ter a sua religião, é a vida dela. Não estou minimamente interessada, mas se isso é o que ela quer, por mim tudo bem.’ Depois convidaste-me para jantar e antes de comermos perguntaste se podíamos agradecer a Deus pelo alimento. Pensei: ‘Ó que giro.’ Só que tu não Lhe agradeceste apenas pelo alimento – agradeceste-Lhe por mim e pela nossa amizade! Isso fez-me sentir tão bem cá no íntimo! Nunca imaginei que sentisses que a nossa amizade tivesse algo a ver com Deus. Mas depois pensei: ‘Isto é ridículo – agradecer a alguém que para mim não existe’.

Então fomos ver o filme do Bergman e depois disseste que tinhas estudado o mesmo conceito que estava patente no filme nos teus momentos a sós com Deus nesse dia. Nunca tinha sonhado sequer que Deus tivesse algo remotamente em comum com o cinema moderno! Outro dia convidaste-me para um estudo objetivo, sem compromisso, da pessoa de Jesus na Bíblia. Tudo bem. O único problema foi que eu gostei mesmo do indivíduo! Parecia tão real à medida que íamos lendo a Seu respeito, semana após semana.

Mas sabes o que mais me afetou? Durante toda a minha vida eu costumava pensar: ‘Que arrogância alguém chamar-se cristão, pensar que é bom a esse ponto.’ Mas vim então a conhecer-te; e Becky, tu estás longe de ser perfeita e, contudo, chamas-te cristã. Por isso o meu primeiro choque foi descobrir que tu ‘estoiras’ tal como eu. Mas o choque maior foi ver que tu o admitias, enquanto que eu não conseguia. De repente compreendi que ser cristão não significava nunca falhar, mas admitir quando se falha.

Eu quis guardar Cristo numa caixa e deixar-te ser religiosa durante os estudos bíblicos. Mas quanto mais me deixavas tomar parte na tua vida – quanto mais conhecia o teu verdadeiro eu, com problemas e alegrias – mais impossível se tornava manter o cristianismo “tapado”. Mesmo o facto de admitires as tuas fraquezas me atraiu a Ele!”

Esta confissão mudou a minha vida. O que me espantou foi ela ter-me visto em todo o tipo de circunstâncias – ela tinha visto o meu verdadeiro eu – e isso deu ao Evangelho *mais* poder, não menos. Sempre tinha

pensado que devia encobrir as minhas dúvidas e problemas, porque se ela me conhecesse realmente, não se tornaria cristã. Mas quanto mais genuína e transparente era (mesmo com as minhas fraquezas), mais real Jesus se tornava para ela.

Agora, por favor, entendam isto bem. Não estou a desculpar o pecado ao dizer que devemos ser humanos uns para com os outros. Deus chama-nos para a perfeição. Não estou a sugerir que partilhemos as nossas fraquezas como se estivéssemos num desafio de “pecado competitivo” para sermos autênticos. O pecado não é a marca divina na humanidade: é-o a obediência perfeita. Mas também o é a confissão humilde quando falhamos. Assim, o nosso objetivo deve ser viver em equilíbrio entre alcançar a obediência perfeita e a transparência das nossas vidas.

Chamados a sermos humanos



Tive de aprender por experiência própria o que a Escritura ensina em I Tessalonicenses 2:8: para compartilhar o evangelho temos de compartilhar a nossa vida, o nosso próprio eu. Se não apreendermos que Deus nos libertou para sermos autênticos, encararemos a evangelização como um projeto em vez de um estilo de vida. Teremos a tendência de ver os não cristãos mais como objetos dos nossos esforços evangelísticos do que como pessoas autênticas.

Lembro-me de uma vez ter perguntado a uma moça como se sentia em relação a evangelização. “Ah, sim!” respondeu, “faço-a duas vezes por

semana”. (Parecia mais estar a falar da dose que tomava de algum composto vitamínico). Evangelização não é assim uma coisa que se “faça” – lá fora – e se volte depois à vida “normal”. Evangelização significa levar as pessoas a sério, transportando-nos para a sua ilha de preocupações e necessidades, e então compartilhamos que Cristo é Senhor no contexto das situações naturais da nossa vida.

O problema advém, como já disse, da nossa grande dificuldade em acreditar que Deus é glorificado na nossa total humanidade, mais do que nas nossas respostas espiritualmente programadas. Muitos de nós receamos que não chegue aquilo que somos no íntimo. Por essa razão, encobrimos as nossas perguntas e dúvidas honestas, pensando que isso não seria considerado espiritual. Mas ao fazer assim privamo-nos do nosso instrumento mais importante na evangelização – o nosso próprio eu. Não aceitar a nossa humanidade equivale a perdermos o nosso ponto de contacto autêntico com o mundo. Pelo menos nós devíamos estar a oferecer ao mundo uma imagem do que significa ser verdadeiramente humano. Contudo, são muitas vezes os cristãos que temem a sua humanidade, mais do que qualquer outra pessoa.

Assim como há confusão acerca do que significa ser humano, também há confusão acerca do que significa ser espiritual. Pensamos que é mais espiritual levar a nossa colega de quarto, não-cristã, a um estudo bíblico ou à igreja, do que ao teatro ou ir tomar um café. Não só não entendemos os nossos pontos naturais de contacto com o mundo, como também não compreendemos os nossos pontos de contacto naturais com o próprio Deus. Foi Ele que nos fez seres humanos e,

portanto, está interessado em todos os aspectos da nossa humanidade. Não devemos limitá-Lo a estudos bíblicos e discussões com cristãos. Ele criou a vida e deseja ser glorificado na totalidade de tudo o que constitui a vida. O Seu poder e presença penetrarão no mundo na medida em que O deixarmos viver plenamente em cada aspecto da nossa vida.

Jesus, Nosso modelo



Teremos algum padrão para o tipo de natureza humana que Deus tinha em mente? Voltemo-nos para o primeiro ser humano total que já alguma vez viveu – Jesus Cristo. Ele disse-nos que assim como o Pai O enviou ao mundo, também Ele nos envia. Então, como é que o Pai O enviou? Essencialmente, Ele tornou-se um de nós. O Verbo fez-se carne. Deus não mandou um telegrama, ou uma chuva de livros de estudo bíblico evangelístico, nem deixou cair do céu um milhão de autocolantes com o dístico “Sorri, Jesus ama-te”. Enviou um homem, o Seu Filho, para transmitir a mensagem. A Sua estratégia ainda não mudou. Ele continua a enviar homens e mulheres – antes de mandar folhetos e técnicas – para mudar o mundo. Podes pensar que é uma estratégia arriscada – mas isso é problema de Deus, não teu. Temos então, em Jesus, o nosso modelo de como nos relacionarmos com o mundo, e é um modelo de transparência e identificação.

Jesus foi um homem notavelmente aberto. Não pensou que para Ele não era espiritual (tendo a plena compreensão de que era o Filho de Deus) revelar as Suas necessidades físicas (João 4:7). Não recebeu estragar o Seu testemunho ao pedir o apoio, a nível emocional e em oração, dos amigos, no Jardim do Getsémani. Aqui está o nosso padrão de temor de Deus genuíno – e vemo-Lo a pedir apoio e a desejar que outros O confortem. Devemos, portanto, aprender a relacionar-nos de uma forma transparente com os outros, porque é esse o estilo que Deus usa para Se relacionar connosco.

Jesus manda-nos “ir” e depois pregar – não pregar e depois partir. A nossa missão não é proclamar o evangelho de uma distância segura e respeitável e ficarmos sem nos envolvermos. Devemos ter a abertura suficiente nas nossas vidas, que permita às pessoas ver que nós nos rimos, nos ferimos e também choramos. Se Jesus deixou o céu e toda a sua glória para Se tornar um de nós, não devíamos nós estar dispostos, ao menos, a deixar o nosso quarto ou círculo de estudo bíblico para ir ao encontro de um amigo?

Como podemos relacionar-nos com as pessoas de uma maneira aberta e humana de forma a mudar o mundo? Eu creio que Jesus amou e transformou o mundo de duas maneiras: pela Sua identificação radical com homens e mulheres e pela Sua diferença radical. Parece que Jesus reagia perante as pessoas notando primeiro o que tinham em comum (João 4:7). Mas era muitas vezes no contexto das suas semelhanças que a diferença de Jesus se evidenciava (João 4:10). À medida que as pessoas descobriam a sua profunda humanidade começavam a

reconhecer a Sua divindade. A santidade de Deus tornava-se abaladora e penetrante quando Jesus confrontava as pessoas mesmo ao nível da Sua natureza humana. Mas a questão é que eram precisas ambas, a Sua identificação radical e a Sua diferença radical, para transformar o mundo. O mesmo se passará connosco.

Sugestões úteis

Se queres contactar as pessoas à tua volta como um representante de Jesus Cristo, eis algumas sugestões que podem ajudar:

1. *Sê tu mesmo.* Deixa que Deus te torne um ser total. Alegra-te no temperamento que Deus te deu, e usa-o para os propósitos divinos. Deus fez alguns de nós tímidos, outros extrovertidos. Devíamos louvá-Lo por isso. Se és tímido, lembra-te que a tua timidez não é uma desculpa para evitar o relacionamento com os outros – é antes um meio de os amar de forma diferente da de uma pessoa extrovertida.

Fico desanimada quando oiço as pessoas dizer, que para mim é fácil evangelizar, porque sou extrovertida. O facto de se ser extrovertido não é um instrumento essencial na evangelização – mas são-no a obediência e o amor. Há muitas pessoas que eu nunca poderia alcançar, e a quem provavelmente só intimidaria, por ser extrovertida. Deus terá de usar outros cristãos para chegar até elas. Mas eu não me sinto culpada por

causa disso, porque já aprendi que Deus não é glorificado na minha vida pela personalidade de qualquer outra pessoa. Eu devo ser aquilo para que fui criada. Devo ir ao encontro dos outros de uma forma sensível em relação à pessoa com quem estou a falar e *consistente* com a minha própria personalidade.

Mas, não obstante os nossos temperamentos, todos nos devemos tornar iniciadores. Verifico cada vez mais que a marca dos cristãos com maturidade é se eles escolhem ser os “anfitriões” e não os “convidados” nos relacionamentos. Os cristãos devem ser os que amam, se preocupam e ouvem primeiro. Todos podemos tomar a iniciativa, quer seja de uma forma discreta ou mais evidente.

2. *Dispõe-te a arriscar.* O facto de tomarmos a iniciativa expõe-nos ao risco da rejeição. Deixar que as pessoas tomem parte nas nossas vidas é um elemento assustador, mas essencial, em evangelização. É também um risco deixar a nossa segurança para penetrarmos as suas vidas.

Recentemente, ia a atravessar o aeroporto em Chicago quando a carteira me caiu e tudo se espalhou. Estava eu a enfiar as coisas lá dentro, quando uma moça com um bebé parou e me perguntou as horas. Depois, mordeu os lábios nervosamente e perguntou: “não sabe onde é que eu poderia beber alguma coisa, pois não?”. Eu não sabia mesmo, mas quando a fixei, notei que estava perturbada. Por isso, ergui-me e comecei a conversar com ela. A moça depressa me interrompeu: “Sabe quanto custa aqui uma bebida?” Vi que não íamos a lado nenhum, e de repente, ouvi-me dizer: “Não, não sei. Gostaria que eu fosse consigo para

ver onde é o bar?” “Ah, quer vir? Gostaria realmente de ter companhia”, respondeu.

E lá fomos nós à procura de um bar. Durante todo o caminho sentia vontade de dar um pontapé a mim própria – ir para um bar ao meio dia, com uma pessoa totalmente desconhecida. Que pouco ortodoxo! Depois pensei: “Gostava de saber o que Jesus faria numa situação destas!” Compreendi que Ele estaria mais preocupado em saber *porque* é que ela precisava da bebida do que com o facto de entrar num bar. Sabia que se não conseguisse sentir-me à vontade quando ela estivesse a beber, e não deixasse Deus orientar-me para o que *Ele* discernia como um campo missionário, então eu não seria muito eficiente na comunicação do amor incondicional de Deus.

Depois de termos encontrado o bar, passado pouco tempo, ela começou a contar-me que tinha decidido deixar o marido. Este, sem saber da decisão, estaria à sua espera no aeroporto de Michigan. Estava aterrorizada, sem saber como enfrentar a sua reação e sentia-se completamente só. “Oh, mas é ridículo estar a contar isto a uma desconhecida – devo estar a aborrecê-la”, comentava de vez em quando e continuava a conversar. O mais triste era a incapacidade óbvia que aquela moça tinha em acreditar que alguém se pudesse preocupar com ela. Não confiava em ninguém. Quando, a certa altura, ela mencionou um problema com que eu me poderia identificar, e lho disse, respondeu: “Ah, então é *por isso* que anda para aí a fazer de conta que se preocupa. Oiça lá, não tem medo de apanhar pela proa desconhecidos como eu? Acho que devia ter mais cuidado.” Quando lhe comecei a dizer quem

Deus é, e que era Ele que me colocava em situações como esta, parecia que ela bebia cada palavra.

Pouco depois dirigíamo-nos ao avião que ela ia apanhar, mas sentia-me destroçada. Queria aproximar-me dela, dizer-lhe como me sentia tocada pelos seus problemas e que havia um Deus que se preocupava profundamente com ela. Mas a moça estava com uma atitude tão fria, e tão na defensiva, que tive medo que me rejeitasse. Por fim, junto ao portão, peguei-lhe na mão e disse: “Oiça, quero que saiba que realmente me preocupo consigo, e estarei a orar por si no momento da sua chegada”. Fixou-me com um olhar inexpressivo. Depois, voltando-se, disse: “Hum, desculpe – eu simplesmente não sei o que fazer com o amor”. E afastou-se.

O encontro não foi um sucesso tremendo, mas senti que fui obediente. Ser cristão significa arriscar: correr o risco de o nosso amor ser rejeitado, incompreendido ou mesmo ignorado. Não estou a sugerir que vás a correr para o bar mais próximo por amor de Jesus. Mas se te encontrares numa situação em que crês que foi Deus que te colocou, então aceita o risco por amor d’Ele.

3. *Olha para além da fachada.* Uma vez que se tenha corrido o risco e se esteja em contacto com uma pessoa, nunca devemos partir do princípio de que ela não estará aberta ao Cristianismo. Uma vez que consigamos atravessar a “capa protetora” de uma pessoa, descobriremos geralmente um mar de necessidades. Devemos aprender a interpretar corretamente essas necessidades, como Jesus o fez. Jesus não

permitia que as necessidades fossem um impedimento – mesmo as necessidades satisfeitas de uma maneira errada – porque elas lhe revelavam algo acerca da pessoa. A mulher samaritana tinha tido cinco maridos e na altura vivia com um sexto homem. Os discípulos pensaram: “Esta mulher... Tornar-se cristã? Nem pensar! Olhem para a maneira como ela vive!” Mas Jesus olhou precisamente para esse mesmo tipo de vida e chegou à conclusão oposta. O que Jesus viu na sua corrida frenética atrás dos homens não foi apenas uma mulher fácil. Não foi a sua necessidade humana de ternura que alarmou Jesus, mas sim a forma como ela procurava satisfazer essa necessidade. Mais do que isso, Jesus viu que a sua necessidade indicava uma fome real de Deus. Parecia estar a dizer aos Seus discípulos: “Olhem para o potencial que ela tem para Deus – vejam como ela se esforça tanto por encontrar a coisa certa em todos os lugares errados.”

É isto que para mim liberta por completo a evangelização. Quantos samaritanos e samaritanas conhecemos? Onde quer que esteja, vejo as pessoas a procurar freneticamente, as coisas certas em todos os lugares errados. A tragédia é que, tantas vezes, a minha primeira reação é afastar-me e concluir que nunca se tornarão cristãos. Contudo, Deus tem-me mostrado que, em geral, são esses que estão mais abertos. Devemos perguntar a nós próprios: “Como é que eu interpreto as necessidades e a maneira de viver dos meus amigos? Será que olho para a maneira como bebem ou dormem por aí, ou para as suas políticas radicais, e digo: ‘Isso está errado’ e me retiro? Ou será que olho para além das suas máscaras e descubro em primeiro lugar porque é que

fazem essas coisas? E depois tento amá-los onde estão?” Podemos mostrar às pessoas que têm razão em querer encher o vazio. Então poderão ficar alegremente surpreendidas ao descobrir que o vazio interior é um “vácuo criado por Deus”.

4. Evita o “Síndrome da Santa Segregação”. Não nos devemos tornar, como John Stott diz, “cristãos de toca”. Sabes como é – o tipo que põe a cabeça de fora do buraco, deixa de manhã o seu colega de quarto cristão e corre para as aulas, procura freneticamente um cristão para se sentar ao pé dele (uma forma um tanto estranha de se abordar um campo missionário). Continua assim de aula para aula. Quando chega a hora do jantar, senta-se com todos os outros cristãos a uma mesa e pensa: “Que grande testemunho!”. Daí vai para o seu estudo bíblico com cristãos, e talvez vá ainda a uma reunião de oração onde os cristãos oram pelos seus colegas não-cristãos, no andar em que mora. Depois, à noite, volta a correr para junto do seu colega de casa cristão. Em segurança! Conseguiu chegar ao fim do dia e os seus únicos contactos com o mundo foram aquelas corridas loucas, corajosas, de e para atividades cristãs.

Que pérfida inversão da ordem bíblica para sermos o “sal” e a “luz” do mundo! O “cristão de toca” permanece isolado e separado do mundo, quando lhe foi ordenado que penetrasse nele. Como podemos ser o sal da terra se nunca saímos do saleiro? Contudo, não é só aos cristãos que se devem atribuir as culpas deste fenómeno. A tragédia é que mesmo o mundo encoraja o nosso isolamento. Já alguma vez te interrogaste porque é que toda a gente se “porta bem” quando um pastor está por

perto? De repente, a linguagem muda e melhora o comportamento. Porquê? Bem, porque querem contribuir para que o Reverendo se continue a sentir santo. Prosseguirão no jogo religioso enquanto estiver presente, porque ele precisa de ser protegido do mundo frio e real lá de fora.

Por vezes, os não-cristãos irão agir de uma forma estranha à nossa volta, porque o Espírito Santo os convencerá do pecado e essa convicção será genuína. Isso é bom. Mas com muita frequência portam-se de uma maneira “diferente” porque acham que é isso que se *espera* deles ao pé de pessoas religiosas. Sou muitas vezes rotulada de “religiosa” quando as pessoas descobrem a minha profissão.

Porque viajo muito, tenho um “cartão de clero” que me dá a possibilidade de por vezes viajar com tarifas reduzidas. O único problema é que ninguém acredita que estou autorizada a usá-lo! De facto, uma jovem não é bem o que os funcionários das companhias aéreas têm em mente quando veem um cartão de clero. Já me perguntaram mais do que uma vez: “Está bem, minha linda, agora diz lá: Onde é que surripiaste isto?”

5. *Os cristãos são positivos.* A atitude com que reagimos perante as pessoas é crucial. Se notares que os não-cristãos parecem embaraçados, com ar de quem pede desculpa, e estão numa atitude defensiva, talvez seja porque estão a copiar a *tua* atitude. Se partires do princípio de que eles vão ficar absolutamente fascinados por descobrir a verdadeira natureza do cristianismo, é provável que fiquem mesmo. Se comunicares entusiasmo, não estiveres na defensiva e escutares com

cuidado em vez de pareceres uma gravação de “Respostas a Perguntas Que Por Acaso Ninguém Fez”, os não-cristãos ficarão intrigados. Aprende a apreciar todas as suas perguntas – especialmente as que não souberes responder. Eu digo muitas vezes às pessoas que me sinto grata por Deus as estar a usar para me aguçar intelectualmente, quando fico atrapalhada com uma pergunta. Digo-lhes que não sei a resposta, mas que não vou descansar enquanto não investigar o assunto.

Aprende também a identificar-te com as justificações que apresentam contra o cristianismo. Ao falar com um professor intelectual, por exemplo, temos todo o direito de dizer: “Penso que uma das questões mais difíceis que um cristão tem de enfrentar é: como é que nós sabemos que é verdade. Estaremos a iludir-nos a nós próprios e a adorar com base na necessidade, em vez de na verdade?” Dessa maneira podemos fazer com que os não-cristãos se sintam livres e à vontade connosco. As paredes são derribadas e as pontes construídas, quando nós sugerimos as objeções que possam ter.

Por fim, enceta relações com os não-cristãos, procurando coisas em que Deus vos tenha feito semelhantes. Paulo procurava pontos que tivesse em comum com os outros e começava a construir a partir daí (ver Atos 17:22). Tive uma experiência no ano passado que ilustra este aspeto.

A jovem que vive por baixo do meu apartamento é uma farrista de primeira. Tinha-se mudado há pouco tempo e, de cada vez que a via, ela ia a caminho doutra festa. Trocávamos sempre umas palavras amigas e

um dia disse-me: “Becky, eu gosto de ti. És fixe. E se nos encontrássemos na próxima semana para dar uma fumaça, está bem?” Respondi: “Ah, obrigada! Eu também gosto realmente de ti e gostaria de estar contigo. O problema é que eu não suporto a fumaça; mas gostaria imenso de fazer outra coisa qualquer. Até breve!”

É evidente que ela ficou um bocado surpreendida, não tanto por eu não fumar erva, mas por ter expressado uma gratidão sincera ante a ideia de passar tempo com ela. Eu podia ter-lhe dito: “Sou cristã e nunca toco nisso”, mas quis primeiro ser positiva no que quer que fosse sem condescender nos padrões de um cristão. Com demasiada frequência difundimos o que “não fazemos”, quando devíamos estar a tentar descobrir pontos de contacto genuínos.

6. *Reúne os dados.* Primeiro, *investiga*. Precisamos de aprender primeiro a ser ouvintes e depois proclamadores. É tal como remar à volta de uma ilha, analisando com cuidado a linha da costa à procura de um sítio apropriado para o desembarque. Exploramos a base religiosa e familiar dos nossos amigos não-cristãos, os seus interesses culturais, necessidades, sonhos e temores. Espanta-me que gastemos fortunas para que os missionários aprendam outras línguas sem que alguma vez nos ocorra que devemos “aprender a linguagem” dos nossos amigos compatriotas. Devemos entrar nas suas formas de pensamento e compreender as suas perguntas. Não te apresses a resolver todas as questões; levanta algumas! (Deus fá-lo constantemente nas Escrituras).

A seguir, *estimula*. Logo que tenhamos uma ideia da pessoa com quem estamos a falar, devemos aprender a despertar a sua curiosidade pelo evangelho. Acho que este é um dos aspetos mais negligenciados da evangelização. Tentamos saturar as pessoas com a luz, antes de termos atraído a sua atenção. Em Atos 26:18, Paulo diz que foi chamado *primeiro* para abrir os olhos dos gentios, *antes* de os ajudar a voltarem-se das trevas para a luz. Foi chamado a despertar o seu interesse de maneira que quisessem ouvir a sua mensagem. Devemos aprender a ser “pescadores de homens” e não “caçadores de homens”. Precisamos de olhar para Paulo e para Jesus a fim de estudarmos as suas “técnicas de pesca”.

Muitas vezes, Jesus era deliberadamente vago e intrigante para as pessoas, a princípio, não dando a resposta completa até ter captado o seu interesse total. Sabia que a mulher samaritana não tinha ideia do que “água viva” significava, assim como Nicodemos não compreenderia o termo “nascido de novo”. Foi deliberadamente obscuro para ver se eles tinham qualquer interesse espiritual e, se o tivessem, intensificá-lo. Paulo despertou a curiosidade dos Judeus em Tessalónica, na sinagoga, com a sua lógica impetuosa e os seus argumentos racionais. No Areópago, captou o interesse dos gregos com a sua capacidade de citar os poetas seculares para asseverar os pontos mais importantes do seu discurso. Também nós devemos desenvolver um estilo de evangelização “intrigante” – não apenas através das nossas conversas, mas do nosso amor uns para com os outros, da nossa vivência pessoal e da preocupação genuína pelos não-cristãos.

Por fim, *fala*. Depois de termos descoberto onde as pessoas estão e termos despertado o seu interesse naquilo que queremos dizer, estamos prontos para contar a mensagem do evangelho.

Os passos um e dois são os passos pré-evangelísticos necessários que nos vão capacitar para comunicar Cristo com mais eficácia. Mas não basta dar os primeiros dois passos, se não se der o terceiro. Paulo, por exemplo, conhecia a sua audiência, descobria a área a que precisariam de dar luta para chegar a uma entrega, e depois proclamava o evangelho (Atos 17:16-34). Nota que a mensagem de Paulo tinha conteúdo e não apenas experiência. É um pouco difícil de imaginar S. Paulo no Areópago a defender a sua fé perante os filósofos seculares, dizendo: “Ah, eu sei amigos, é este sentimento no meu coração!”. A experiência da nossa conversão pode ilustrar o poder do Evangelho, mas não o explica. Por vezes encolho-me toda quando ouço estudantes a partilhar a sua fé com absoluta falta de conteúdo. Jesus começa a parecer mais um “comprimido mágico” a ser engolido do que um Senhor a ser obedecido a todo o custo.

Inteiramente humanos



Já debatemos a forma como nos podemos identificar com o mundo como Jesus Se identificou. Mas Jesus também mudou o mundo pela Sua diferença radical. Como é que a nossa diferença radical se manifestará?

A tensão está entre identificarmo-nos com o mundo e amá-lo tão profundamente como Jesus o amou (sendo semelhante ao mundo) e, contudo, obedecermos à ordem “sede perfeitos” (sendo diferentes do mundo). Devemos lembrar-nos que identificação com o mundo não equivale a ser idêntico ao mundo. Se procuramos compreender o mundo, mas vivemos exatamente como os não-cristãos vivem, não haverá nenhum impacto. Só na medida em que nos identificarmos com o mundo, vivendo ao mesmo tempo vidas sobrenaturais, é que a revolução terá lugar. Isso significa que o nosso tempo diário a sós com Deus será fundamental para a nossa evangelização, pois nos transformará à imagem de Cristo. A oração persistente é igualmente vital – precisamos de aprender a amar os nossos amigos o suficiente para orarmos por eles diariamente. Mas penso que a nossa diferença mais radical se fará sentir quando vivermos de acordo com o propósito com que fomos criados – ser inteiramente humanos. Jesus mostrou-nos que o elemento essencial da verdadeira natureza humana é a liberdade de responder a Deus de uma forma total, completa e ardente. Se deixarmos que Deus nos torne humanos autênticos – não-cristãos subculturais, mas pessoas positivas, sensíveis e abertas, que entram no mundo e o amam tão profundamente como Jesus o amou – então a presença de Deus será sentida pelo mundo de uma forma irresistível. Por vezes interrogo-me sobre se nós compreendemos realmente quem somos e o que temos para oferecer — Somos um novo povo! Um povo cujas pessoas se tornaram autenticamente humanas por meio de Jesus Cristo. A própria encarnação de Deus habita em nós. Ele torna-se acessível, toca e ama o mundo por meio de nós.

Custou tudo a Deus o identificar-Se com a natureza da humanidade. Por isso custar-nos-á muito também identificarmo-nos com a natureza dos não-cristãos. Mas é a dádiva das nossas vidas que muda o mundo, porque autentica a mensagem que pregamos. É isso que Deus pede.